FAPM
Serie: 3.2
Cx: 01

Pc: 06

03 docs.

1908

Correspondência de Monsenhor Júlio Engracia enviada ao diretor do APM sobre informações de pesquisa de acervo para o APM.

Meu Caro Sr. Totonio.

Sinceras visitas, e o Exmo. Sr. Vera e meninos lhe remetto aproveitando a generosidade do Mr. Pedro Silva, essa papelada, a qual dará o destino que entenderes. Custou-me muito mas não perdi o menor documento que me confiei.

Peço desculpar-me mas é o que pude fazer em bem de nossa causa.

Um sincero abraço do
Amo
M. Pinto.

Vitoria 2 de Março de 1908

Estou num torvelinho. Com a casa cheia de Bispos e Padres etc

Srʳ Director do Archivo
Mineiro.
A idéa, em boa hora, ins-
pirada, a illustres patricios
vossos, de salvar da comple-
ta ruina os documentos
que vem fundamentar ou es-
clarecer a historia intima
de nossa querida patria tem
cumprido triumphante até hoje.
De todas as partes tem sur-
gido campeões, que vão ex-
humando do pó das cai-
xas e dos caixões e até
dos bauques, velhos papeis,
trapos as vezes, despedaça-
dos, carcomidos de traças
e baratas, e apodrecidos pe-
lo desprezo, dos que nesse
entulho nada enchergavão
de proveitoso, ás vezes como
cousas tradiccionaes de a-
vós que fizerão parte nas
acções descriptas: outras por-
que nem claro ou no verso
desse documento havião lan-
çado um assento, uma lem-
brança domestica: uma con-
ta com camaradas, isso se en-
controu. O mesmo desprezo e es-
quecimento de taes papeis
inuteis os salvarão de serem
empregados em enrolar mesi-
nhas ou em brincos de cre-
ança travessa no exercicio
da Tesoura para cortar bo-
necas. No meio do triste di-
luvio da incuria, sobrou-
se alguma cousa roida,
mutilada, e quantos volumes ja
tem o Archivo publicado com
esses velhos andrajos da his-
toria! quanta preciosidade
mineirada nessas cinzas
desprezadas! Si essa lem-
brança tivesse surgido 50 an-
nos antes poderiamos recons-
tituir muitos factos, por em
evidencia muitos nomes be-
nemeritos que jazem esqueci-
dos e dos quaes apenas os
descendentes immediatos con-
servão a memoria. Em 1874
quando pela primeira vez vi-
sitei a freguesia do Cuyeté, fre-
guesia que foi por muito tem-
po o centro dos movimentos
militares da civilisação e
<u>exterminio</u> dos indigenas
ainda la existia uma casa
que se chamava — Quartel —
era então residencia parti-
cular, mas ainda pertencia
ao Governo, ainda existia o
velho Guitote que foi o <u>lingua</u>
ou interprete na communica-

cão com os Indios desde Affié
até Cuieté. Nesse tempo la
vi no Quartel muitas fras=
queiras cheias de papeis re-
lativos a esse serviço publico.
Eu ja tinha ~~a~~ mania de
colleccionar papeis velhos e
tentei salvar alguns, mas a
autoridade respondeo-me que
não podia satisfazer o meu
desejo porque os papeis erão
do Governo e estavão a sua
disposição. Contudo eu os via
nas casas commerciaes servin-
do de embrulhos. Quando esta-
beleceo-se o Archivo, ~~aqui~~
~~pa~~ e o chorado Mo. Xavier
da Veiga lembrou-se de meu
nome para correspondente
dessa util instituição, corri
pressuroso a procura desse
thesouro, mas ja nada exis-
tia. A casa do Quartel trans-
formada e os documentos per-
didos. Esta velha Fasenda da
Onça Grande, que foi pro-
priedade do Capm Lisardo
Jose da Fonseca, e depois
de seu genro o G. M. Mar-
ques Affonso, encontrei ha pouco
indo em visita, uns caturros,
dos quaes ficarão-me essas ge-
nerosa uma neta e uma

bisneta do Capm Lisardo, a-
quella ja na avançada e-
dade de quasi ~~80~~ annos,
cuja mãi D. Maria Jose
de Lana Horta fa do dito
Capm e viuva do G. M. ~~M.~~
~~M~~ Marques Affonso, havia
pouco tinha morrido maior
de 100 annos. Alcancei ain-
da de pé e quasi em seu
estado primitivo o Quartel
da Onça pequena, habitado
então pelo Major Manoel
Marques de Lana neto do
Capm Lisardo. Um grande
salão de revistas e um
extenso correr com quar-
tos a esquerda mostrava
ainda a habitação de nu-
ma communidade. Vi tam-
bem ainda de pé, com pe-
quenas modificações - o Quar-
tel do Retiro - então habi-
tado pelo Se Joaquim Fer-
reira Torres. Hoje nada dis-
so existe. Passadas essas
propriedades a herdeiros, ao
todo mudados de circumstan-
cia, cobiçadas, forão abandona-
das vendidas esquartejadas
e acabou-se a lembrança
da famosa milicia com to-
dos os seus serviços presta-
dos

atrevidos colonos que sem
separarem em perigos, me-
tiar-se por entre mais os bu-
gres botecudos, pensando sem
duvida em seu bem estar, mas
levando tambem em seus co-
rações corajosos o fervor pelo
adiantamento da patria.
Quantos serviços prestarão a cou-
sa publica esses habitantes,
cujas clareiras abertas em
perigoso e assustado suor, ser-
virão muitas vezes de oasis aos
bravos soldados, que em hora
de penuria e quasi desespe-
ro, encontravão nellas o conso-
lo e o gasalho e suprimen-
to a suas imprescendiveis
necessidades! Ja vimos em
outras descripções que muitos
terião succumbido a fome e a
febre palustre, e a ferida da
flexa do bugre, se não encon-
trassem essas casas hospita-
leiras que os recebião como
a irmãos e protectores. O Alfs.
João do Monte da Fonseca,
esse illustre e denodado Mi-
neiro ainda vive em seus
illustres descendentes. Foi pai
do Cel. João Nepomoceno da
Fonseca Mainho, illustre fazen
deiro na Ponte Nova; cidadão

que foi de principio prestigio
naquella Cidade, pae, den-
tre outros illustres filhos, do
P. Caetano da Fonseca Ma-
inho, illustre medico da mes-
ma Cidade. João do Monte
da Fonseca é um nome
que não deve ser esqueci-
do pelo povo Mineiro, ma-
xime daquellas partes da
matta, que elle perfurou,
abriu, deu armado a entra-
da de colonos que come-
çarão a formar essas gran-
des fazendas e nucleos de po-
voados que se chamão hoje Ci-
dades e arraiaes que tem
engrandecido essas ferteis
mattas de Minas e Espirito
Santo e Rio de Janeiro.
Era o caso de exclamar-
se com o orador roma-
no <u>quantum pectus dolor</u>
<u>degeneravimus a parenti-</u>
<u>bus nostris</u>! quem acom-
panha esses trabalhos her-
oicos, essa disciplina esse
fogo de patriotismo desses
denodados servidores da pa-
tria e considera o que se pas-
sa hoje de egoismo, de desor-
dem e anarchia fica triste con-
templando o futuro da patria

A humanidade no Brasil parece amesquinhar-se. Quem vê nesses documentos simples e ingenuos, v.g. o fogo sacro que incendia na oração de subditos leaes uma ordem da autoridade ainda exercida por companheiros de trabalho. Essas ordens transmettidas no fundo desses sertões onde o individuo com o menor esforço estava ao todo livre da acção da pena legal. Quem vê o echo que bradou ao ouvido de todos do menor soldado, aos Capitães no momento em que gritou-se a liberdade politica do Brasil, e como todos acudirão enthusiastas a voz do Monarcha que a tinha proclamado. Quem vê o escrupulo religioso no cumprimento dos deveres a que era cada um chamado em prol da patria. Quem vê, digo, todos esses sacrificios do patriotismo em almas simples e grosseiras educações, reflecte e exclama quando contempla o quadro presente: para onde vamos?

Foi um dia em que fallou-se no Brasil a lingua portugueza, com horror do gallicismo, e nesse dia na profunda meditação da gloriosa aguia de Hippona verbum quod foris sonat signum est verbi quod intus latet: as acções partião dos peitos fortes dos brasileiros a fé de Christo.

Mas hoje, o gallicismo invadio tudo, idéas, sentimentos, character, religião, lealdade, obediencias, literatura... tudo é o misero macaco imitador do francez: não precisamos provar, basta-nos ler os jornaes e esses literatos leves que a falta de conhecimento da lingoa que gerou heroes, corrompem tudo e nos atirão nos braços infames da Messalina por antonomasia — o voltairianismo e a revolução franceza.

M. J. E.

Outro vulto proeminente que ainda vive na pessoa de um filho, o Alf. Lisandro da Fonseca, nascido em

S. José do Gramma, fregue-
sia do Alfié, e em innu-
meros descendentes de 5º e
6º grão, é o Capm. Cesar
do José da Fonseca, pelo
nome irmão, ou parente
muito proximo de João do
Monte da Fonseca: esta a-
hi ainda na memoria de
todos o character e deno-
do e os nobres sentimentos de
fiel servidor da patria que
elle ostenta-se nos documentos
que ahi vão. Outro illustre
humanitario que gastou seus
dias em beneficio da civi-
lisação do gentio com pe-
ricia, prudencia, e extra-
ordinaria doze de pacien-
cia e energia, é o nome
ja conhecido do estrangeiro,
que se declara brasileiro de
coração por ter nascido
no mar quando seus pro-
genitores vinhão estabele-
cer-se no Brasil: o grito
de alarma que elle trans-
mitte a seus subordinados
nas mattas, quando o funda-
dor de nossa independencia
apellava para o brio de seus
subditos independentes pelos
laços de Este, pintão-nos ao

vivo a alma desse grande
homem que foi Guido Tho-
mas Marlière, tão ingra-
tamente compensado de seus
serviços, pela eterna mutação de
toda a infancia — a poli-
ticagem como arma de me-
diocridades ambiciosas e sto-
figos fazedores de fortu-
na rapida, pulando pelos ca-
daveres da honra e da di-
gnidade humana.

Eis ahi, meu caro Di-
rector o que offereço ao
Archivo com ind. coo-
peração

Mel. Julio Engracio

Itabira do Mattodentro
2 de Maio de 1908.

1

Originaes de
Monsenhor Julio
Engracia
(Historia)

Transcrição da carta de Monsenhor Julio Engracia enviada ao diretor do Arquivo Mineiro

Senhor diretor do Archivo Mineiro

(p.1) A ideia, em boa hora inspirada, a ilustres patrícios nossos de salvar da completa ruína os documentos que vem fundamentar ou esclarecer a história intima de nossa querida pátria tem cumprido triunfante até hoje. De todas as partes tem surgido campeões que externando do pó das caixas e dos casebres e até das [bongues], velhos papéis, trapos às vezes despedaçados, carcomidos de traças e baratas e apodrecidos pelo desprezo dos que nesse entulho nada enxergavam de proveitoso. Às vezes como causas tradicionais de a vós que fizeram parte nas ações descritas: outras porque nem claro ou no verso desse documento haviam lançado um assento, uma lembrança doméstica: uma conta com camaradas, isso

se encontra. O mesmo desprezo e esquecimento de tais papéis inúteis os salvarão de serem empregados em [inchar] mesinhas (p.2) ou em brincos de criança travessa no exercício da tesoura para costurar bonecas. No meio do triste dilúvio da incúria, salvou-se alguma coisa roída mutilada e quantos volumes jazem o Arquivo publicado com esses velhos andrajos da história! Quanta preciosidade mineirada nessas cinzas desprezadas! Se essa lembrança tivesse surgido 50 anos antes poderíamos reconstituir muitos fatos, por em evidencia muitos nomes beneméritos que jazem esquecidos e dos quais apenas os descendentes imediatos conservarão a memoria. Em 1874, quando pela primeira vez visitei a freguesia do Alfié, freguesia que foi por muito tempo o centro dos movimentos militares da civilização e extermínio dos indígenas ainda lá existia uma casa que se chamava – Quartel = era outra residência particular, mas ainda pertencia ao governo, ainda existia o velho Quitote que foi o língua ou interprete na comunicação (p.3) com os índios desde Alfié até Cuieté. Nesse tempo lá vi no Quartel muitas freguesias cheias de papeis relativos a esse serviço público. Eu já tinha mania de colecionar papeis velhos e tentei salvar alguns, mas a autoridade supondo-me que não poderia satisfazer a meu desejo porque os papeis são do governo e estarão a sua disposição. Contudo eu os via nas casas comerciais servindo de

embrulhos. Quando estabeleceu-se o Arquivo e o honrado senhor Xavier da Veiga lembrou-se de meu nome para correspondente dessa útil instituição, corri pressuroso a procura desse tesouro, mas já nada existia. A casa do quartel transformada e os documentos perdidos. Esta velha fazenda da Onça Grande, que foi propriedade do capitão Lisandro José da Fonseca e depois de seu genro o guarda mor Marques Affonso, encontrei há pouco indo em visita, uns cadernos dos quais fizeram-me cessão generosa uma neta e uma (p.4) bisneta do capitão Lisardo, aquela já na avançada idade de quase 90 anos, mais D. Maria José de Lana Horta filha do dito capitão e viúva do guarda mor Marques Affonso, havia pouco tinha morrido maior de 100 anos. Alcancei ainda de pé e quase em seu estado primitivo o Quartel da Onça pequena, habitado então pelo major Manoel Marques de Lana, neto do capitão Lisardo. Um grande salão de visitas e um extenso corredor com quartos a esquerda mostrava ainda a habitação de uma comunidade. Vi também ainda de pé, com pequenas modificações o Quartel do Retiro – então habitado pelo tenente Joaquim Ferreira Torres: hoje nada disto existe. Passadas essas propriedades a herdeiro, ao todo mudados de circunstancia, caíram, foram abandonadas vendidas sequestradas e acabou-se a lembrança da famosa milícia com todos os seus serviços prestados (p.5) a causa do trono e da humanidade. Tratei ainda com pessoal dirigente e dirigido de todo esse movimento. Conheci ainda soldados e canoeiros dessas heróicas excursões pelo Rio Doce e suas matas. Já visitei todos esses pontos militares, da ponte queimada que dava passagem para o Sacramento de grande de quartel de Peterdoffi de Belém, ponto estratégico para descrever canoas e viajantes, onde ainda existem cafezal e outros sinais de cultura a Escura, 12 quilômetros de cima da foz do Santo Antonio cuja navegação a punha em contato (os quarteis de Alfié e Antônio Dias) com os aldeamentos de Ferros e do Norte. Na Escura lá ainda se vêem estradas largas transitáveis a carro, em perfeita conservação e uma grande pastagem de capim gordura, cercada de matos intransitáveis; esses campos feitos com grandes sacrifícios soldado e do índio lembram que um dia alguém pensou do progresso de Minas. Na extinta (p.6) residência do maior protagonista dessa fase da história de Minas, encontrei esses papeis que ora remeto ao Arquivo. Não julgo inútil e improfícuo todo o trabalho, e não foi pequeno, de fazer ressuscitar esses caracteres muito apagados, quase

ilegíveis. Aparece em primeiro plano um benemérito já nosso conhecido por outros trabalhos que remeti ao Arquivo o alferes João do Monte da Fonseca. Na história dessas matas é um verdadeiro [caderno]. Corajoso, inteligente, de austera disciplina apesar de seu gênio jovial e sangue frio admirável nos maiores apertos. A ele deve Minas e Espírito Santo suas vias de comunicação que ainda aí estão trilhadas pelos atuais viajantes. Cortando picadas pelas circunvizinhanças do Rio Doce, pela Serra do Caparaó, pelo Itapemirim, pelo Muriaé, colocou as duas capitanias em contato de comercio e defesa dos (p.7) atrevidos colonos que sem repararem esse perigo metiam-se por entremeio do[s] bugres botocudos, pensando sem dúvida em seu bem-estar, mas levando também em seus corações corajosos o fervor pelo adiantamento da pátria. Quantos serviços prestarão a coisa pública esses habitantes, cujas clareiras abertas com perigoso e assustado suor serviam muitas vezes de oásis aos bravos soldados, que em hora de penúria e quase desespero, encontravam nelas o consolo e o agasalho, e suprimento a suas imprescindíveis necessidades. Já vimos em outras descrições que muitos teriam sucumbindo à fome e a febre palustre e a ferida da flecha do bugre, se não encontrassem essas casas hospitaleiras que os recebiam como a irmãos e protetores. O alferes João do Monte da Fonseca, esse ilustre e venerado mineiro, ainda vive em seus ilustres descendentes. Foi pai do coronel João Nepomuceno da Fonseca Marinho, ilustre fazendeiro na Ponte Nova, cidadão (p.8) que foi de primeiro prestígio naquela cidade, pai, entre outros ilustres filhos do Dr. Caetano da Fonseca Marinho, ilustre médico da mesma cidade. João do Monte da Fonseca é um nome que não deve ser esquecido pelo povo mineiro, máxime daquelas partes da mata, que ele perfurou, abriu, deu cômodo a entrada de colonos que começaram a formar essas grandes fazendas e núcleos de povoados que se chamam hoje cidades e arraiais que tem engrandecido essas férteis matas de Minas e Espírito Santo e Rio de Janeiro. Era o caso de exclamar-se com o orador romano [quantum psoh dolos degeneravimens, a parentilus nostris]! Quem acompanha esses trabalhos heroicos, essa disciplina, esse fogo de patriotismo desses venerados servidores da pátria e considera o que se passa hoje de egoísmo, de desordem e anarquia fica triste contemplando o futuro da pátria. (p.9) A humanidade no Brasil parece amesquinhar-se. Quem vê nossos documentos simples e

ingênuos, [v.g] o fogo sacro que incendeia no coração de súditos leais uma ordem da autoridade ainda exercida por companheiros de trabalho. Essas ordens transmitidas no fundo desses sertões onde o indivíduo com o menor esforço estava ao todo livre da ação da pena legal. Quem vê o eco que bradou ao ouvido de todos, do menor soldado aos capitães no momento em que gritou-se a liberdade política do Brasil, e como todos acudiram entusiastas a voz do monarca que a tinha proclamado. Quem vê o escrúpulo religioso no cumprimento dos deveres a que era cada um chamado em prol da pátria. Quem vê, digo, todos esses sacrifícios do patriotismo em almas simples e grosseiras educações, reflete e exclama quando contempla o quadro presente: para onde vamos? (p.10) Foi um dia em que falou-se no Brasil a língua portuguesa, com horror do galicismo e nesse dia na profunda meditação da gloriosa aguia de [Hipona verbum quod foris sonat digmens est verbi quod dictus latet], as ações sahiam dos peitos fortes dos herdeiros de João de Castro. Mas hoje, o galicismo invadiu tudo, ideias, sentimentos, caráter, religião, lealdade, obediências, literatura... tudo é o mísero macaco imitador do francês: não precisamos provar, basta-nos ler os jornais e esses literatos leves que a falta de conhecimento da língua que gerou heróis corrompem tudo e nos atiram nos braços infames da messalina por antonomásia e o voltairianismo e a revolução francesa.

M.J.E

Outro vulto proeminente que ainda vive na pessoa de um filho, o alferes Lisardo de Fonseca, morador em (p.11) São José do Grama, freguesia do Alfié e em inúmeros descendentes de 5º e 6º grau, é o capitão Lisardo José da Fonseca, pelo nome, irmão ou parente muito próximo de João do Monte da Fonseca; esta aí ainda na memória de todo o caráter e temido e os nobres sentimentos de fiel servidor da pátria, que elle ententa-se nos documentos que aí vão. Outro ilustre humanitário que gastou seus dias em beneficio da civilização do gentio com perícia, prudência e extraordinária dose de paciência e energia é o nome já conhecido do estrangeiro que se declara brasileiro de coração por ter nascido no mar quando seus progenitores vinham estabelecer-se no Brasil; o grito de alarme que este transmite a seus subordinados nas matas, quando o fundador de nossa independência apelava para o brio de seus súditos independentes pelos lados de Este, pintam-nos ao (p.12) vivo a alma

desse grande homem que foi Guido Thomas Marliére, tão ingratamente compensado de seus serviços, pela eterna motriz de toda a infância – na politicagem como arma de mediocridades ambiciosas e [trofegos] fazedores de fortuna rápida, pulando pelos cadáveres da honra e da dignidade humana.

Eis aí, meu caro Diretor, o que ofereço ao Arquivo como sincero cooperador.

Monsenhor Julio Engracia

Itabira do Mato Dentro, 2 de maio de 1908.

Transcrição: Milene Lopes Frade da Costa

Revisão: Sônia Maria Gonçalves

Diretoria de Arquivos Permanentes, 19 de outubro de 2015.